ALEX MORETTO

O PROCESSO DE REGRESSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DO INTERNETÊS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

JABOTICABAL – SP

2013

ALEX MORETTO

O PROCESSO DE REGRESSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DO INTERNETÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Professora Mestre Janaína Maria Lopes Ferreira

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

JABOTICABAL – SP

2013

Dedicamos

a Deus pela vida e sabedoria derramada sobre nós, a minha família, especialmente meus queridos pais, que são meus grandes exemplos e a minha orientadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter nos iluminado até aqui e abençoado.

À Professora Mestre Janaína Maria Lopes Ferreira, por sua enorme dedicação e suas orientações sempre precisas e importantíssimas.

Aos professores da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de textos, pelo aprendizado de grande valia e pela nova visão de mundo que nos propiciaram.

Aos professores tutores, pela dedicação e disponibilidade nos momentos de orientação e esclarecimentos de dúvidas.

Aos colegas de curso de pós-graduação, pela agradável convivência e por termos compartilhados conhecimentos preciosos para nossos caminhos profissionais e acadêmicos.

“Sem conhecer a linguagem, não há como conhecer o Homem.” (Confúcio)

RESUMO

Tudo se transforma, o Mundo está em constantes mudanças, e nós, seres humanos, como parte dele também mudamos o tempo todo e em todos os sentidos, até mesmo a linguagem que utilizamos para comunicarmos. E uma das mais novas linguagens criadas é a usada pelos usuários da Internet, a chamada de Internetês, que vem sendo muito discutida por estudiosos e professores, que formam duas vertentes: os prós, são os que aceitam tal linguagem; e os contra, que ridicularizam e punem o uso da mesma. Não podemos nos esquecer que tal ato é preconceito linguístico e seu valor é o mesmo comparado a todos os outros tipos de preconceitos quer sejam sociais, sexuais, religiosos, econômicos, étnicos. Chegamos a um ponto que não podemos ignorar essa linguagem, mas sim devemos entendê-la e orientar os nossos educandos que ela é mais uma variante da Língua Portuguesa de prestígio e como tal ela tem os locais apropriados para ser usada e que aprender a norma-culta prestigiada só irá nos ajudar a expressar melhor, não importando qual variante usarmos. Porque condenar o uso do Internetês é afastar seus receptores e criar antipatia numa relação que talvez tinha tudo para dar certo.

Não podemos negar que a linguagem em questão fez com que o Português regredisse no sentido de reduzir as palavras, tirasse as redundâncias dos plurais, misturasse as linguagens verbais e não-verbais, fazendo a linguagem verbal perder muito espaço entre os seus falantes, mas em compensação tornou-se um fenômeno social que não pode ser ignorado, porque quem manda na Língua é a fala.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

1 A COMUNICAÇÃO SOB O OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA 8

1.1 A comunicação: um processo essencial aos Homens 8

1.2 Linguagem e Língua: os meios de fazer acontecer a comunicação 9

1.3 A Língua, suas constantes mudanças e a variação linguística 10

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DENOMINADA INTERNETÊS 15

2.1 A modernidade e o uso dos novos meios tecnológicos para se comunicar 15

2.2 O internetês como linguagem das redes sociais 16

2.2.1 A eliminação das marcas de plural redundantes 17

2.2.2 Aproximação da língua falada 17

2.2.3 A redução das palavras 18

2.2.4 As reduções: do ditongo OU em O, do ditongo EI em E 19

2.2.5 Facilidade no processo de comunicação 20

2.2.6 O estrangeirismo 20

2.2.7 A informalidade e a criação de intimidade 20

2.2.8 O eu e o outro na comunicação 21

2.3 Os pontos positivos e negativos do uso do Internetês 23

CONSIDERAÇÕES FINAIS 28

REFERÊNCIAS 30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Internetês, variante da norma-culta prestigiada, que está cada vez mais presente nas nossas vidas e gera muitos conflitos entre estudiosos sobre as consequências do seu uso que estende-se até mesmo nas escolas.

O trabalho foi realizado com pesquisas bibliográficas e de campo, buscando através da Internet exemplos para estruturar as ideias aqui defendidas. A visão aqui adotada é da Linguística e até mesmo da Sociolinguística, uma vez que o assunto abrange muito além da Linguagem, mas envolve questões sociais, provocando-nos uma profunda reflexão sobre o assunto.

A pesquisa é dividida em dois capítulos. No primeiro apresentamos conceitos importantes da comunicação, linguagem e da Língua, além de discutir as constantes mudanças da Língua e sua variação.

No segundo capítulo abordamos uma única variante, que é o objeto do nosso trabalho, analisando os pontos positivos e negativos do uso da mesma e fazendo uma pequena projeção do que o uso constante e abusivo da mesma poderá provocar ao longo da nossa história aos Homens.

1 A COMUNICAÇÃO SOB O OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA

1.1 A comunicação: um processo essencial aos Homens

A comunicação é um sistema interacional entre os seres vivos, um processo que envolve seis elementos: emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente. O Homem sendo um ser social tem necessidade portanto de se comunicar, pois a comunicação fortalece as relações humanas e possibilita ao ser humano maior domínio e maior conhecimento sobre sua própria vida e sobre o Mundo. A comunicação está diretamente ligada aos sentidos humanos, ou seja, é impossível o Homem deixar seus sentidos de lado e deixar de comunicar, porque é difícil para ele viver isolado, às margens da sociedade. Se comunicar é essencial, como diz Margarida Petter, “assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação.”

O tempo todo, todos os dias, estamos nos comunicando e nenhum destes atos é ingênuo, pois em todos existem valores ideológicos, pois a comunicação não é apenas um processo de interação, mas também de manipulação, onde o emissor tenta persuadir o receptor com a intenção de fazê-lo crer e/ou fazê-lo fazer, para isso está envolvido no ato as imagens que o emissor faz dele mesmo e do receptor, e vice-versa.

Uma vez que os interlocutores, emissor e receptor, tem reciprocidade fazendo acontecer o feedback, que é uma realimentação do diálogo, eles constroem juntos textos, construindo o comunicar-se como disse Bakhtin. Mas para que tudo isso ocorra o emissor e o receptor devem ter certas qualidades que permitem a comunicação entre ambos. Elas são de dois tipos: "*modais* – o querer ou o dever, o saber e o poder fazer, no caso, comunicar-se – e *semânticas* – valores, projetos, que determinam a comunicação." Além disso, é preciso que remetente e destinatário dominem, parcialmente ou totalmente, um mesmo código. Mas ainda não podemos dizer que o processo de comunicação será completo, pois há ruídos que "intervêm durante o percurso da informação e fazem diminuir a eficiência da comunicação." Eles podem ser físicos – barulhos, gritos, psicológicos – não querer prestar atenção, desinteresse, ou culturais – falta de conhecimento.

Se os interlocutores querem comunicar, dominam o mesmo código, ocorre a realimentação do diálogo e não há ruídos, nesse caso sim podemos afirmar que houve uma comunicação eficiente.

1.2 Linguagem e Língua – os meios de fazer acontecer a comunicação

Se a comunicação é essencial ao Homem, para utilizar tal processo ele precisa de uma linguagem que é resultado da visão de mundo e dos contextos social, histórico e cultural e os Homens nascem dotados da faculdade dela. Ela é de domínio individual e social, segundo Saussure, e pode ser classificada de três formas: verbal, não-verbal e mista. Para esse trabalho focaremos na linguagem verbal, a mais eficiente das formas para expressar algo, porque, às vezes uma figura não consegue por si só designar tudo o que queremos comunicar, pois um objeto ou uma figura não conseguem, por exemplo, exprimir classe gramatical ou diferenças

entre singular e plural. Essa linguagem é objeto do nosso estudo, e não podemos esquecer que a Língua é parte importante da dela, pertencendo aquela a classificação de linguagem verbal.

A linguagem verbal serve para nomear, criar, transformar o universo, que chamamos, real; ela também possibilita trocar experiências, falar do que existiu ou poderá existir, e até mesmo imaginar. “Ela é matéria do pensamento e o veículo da comunicação verbal.” Para Chomsky é uma capacidade específica do Homem, ou seja, ela é transmitida geneticamente. Sendo parte de extrema importância para nós, por representar um objeto essencial na comunicação.

É através da Língua que se vê o mundo e ela “só existe se houver seres humanos que a falem” (BAGNO, 2011, p. 19). Segundo Edward Sapir, “uma língua é sobretudo um produto social e cultural e como tal deve ser entendida.”, portanto ela necessita de leis de contrato social, como disse Saussure, para que a comunicação aconteça com mais eficiência, agilizando a troca de informações e conhecimentos. Todas as Línguas naturais possuem um número finito de sons e também um número finito de sinais gráficos, se forem escritas. Porém, todas as línguas faladas e escritas mudam gradualmente, mas as escritas são mais conservadoras, pois elas exigem mais que seus usuários sigam suas regras, que são ultrapassadas para nossos tempos, ou seja, conservadoras, provocando em seus usuários uma certa antipatia pelo uso da Língua através da escrita, assim a maior parte dos usuários de uma Língua, com certeza, preferem usá-la falando, porque como disse Bagno “nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e o nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos.” (2011, p. 168) Portanto podemos concluir que a língua falada sofre mais modificações em comparação com a escrita.

1.3 A Língua, suas constantes mudanças e a variação linguística

Nós já vimos que as Línguas mudam, se transformam com o tempo, querendo ou não os Homens, pois elas seguem suas próprias necessidades e manifestam de forma regular. Estas mudanças ocorrem por muitos motivos, vamos aqui exemplificar alguns.

O primeiro deles se deve ao fato de que

> todas as línguas naturais possuem os recursos necessários para a comunicação entre seus falantes. Se uma língua não possui um vocabulário extenso num determinado domínio, significa que seus falantes não necessitam dessas palavras; caso contrário, ao tomar contato com novas realidades, novas tecnologias, os falantes dessa língua serão fatalmente levados a criar novos termos ou a tomá-los emprestados. (PETTER, 2011, p. 20)

Prova disso são as inúmeras palavras utilizadas na área da computação que são de origem inglesa e ao qual não há correspondentes em português ou simplesmente tornam-nas “aportuguesadas”, como por exemplo, delete, usamos tal substantivo o tornando verbo: eu deleto, tu deletas, ele deleta, nós deletamos, vós deletais, eles deletam. E muitas outras palavras também são assim, usamos todos os dias, às vezes, sem perceber que são estrangeiras, ainda nesta área podemos citar: Facebook, Google, enter, Word, Power Point, Windows, online, off-line.

Outro fator que favorece a mudança relaciona à forma de organização da Língua, como funciona o sistema dela, quais são seus elementos, suas regras, que são chamados de fatores linguísticos.

A forma como a língua está inserida na sociedade, fatores extralinguísticos, é outro exemplo que leva a mudanças, às vezes, radicais. Além de fatores como: sexo, idade, classe social e prestígio social, também podemos voltar no tempo e ler um texto produzido, por exemplo, no Romantismo do Brasil e perceberemos,

facilmente, que o português que era prestigiado naquela época é diferente do português que hoje tem grande prestígio, sendo usado pelos meios de comunicação e pela elite da sociedade, por questões sociais, políticas e econômicas.

Todas essas mudanças ocorrem ou ocorreram em todas as Línguas pelos mesmos fatores, aqui apresentados, e com nossa Língua Portuguesa não foi diferente. Além disso, temos a variação linguística existente em todas as Línguas vivas, que para Labov é essa variação que desencadeia mudanças graduais. Mas apesar de tudo isso as "pessoas que falam a mesma *língua* conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes falas, há o uso da mesma língua."

Essa variação deve-se ao fato, segundo Coseriu (1979), de que a Língua nunca está pronta, porque a heterogeneidade social gera heterogeneidade na língua, como afirma Paulo Chagas. Além disso, não existe nenhuma língua UNA – homogênea. "Toda língua viva é *uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas." (BAGNO, 2011, p. 142) Ou seja, o que hoje é considerado "erro", cometendo assim preconceito linguístico, pode ser que no passado já fez parte da variação de prestígio social, como podemos ver no livro A Língua de Eulália, quando a professora Irene ensina isso à suas alunas: Vera, Sílvia e Emília, ela retira dos versos d'*Os Lusíadas* estes exemplos: "Mas *alembrou-lhe* uma ira que o condena", "Era este *Ingrês* potente, e militara", "E não de agreste avena, ou *frauta* ruda". Hoje se alguém usar as palavras alembrou, ingrês ou frauta, será severamente criticado, pois não condiz com a variação prestigiada, a pessoa que fizer uso delas será vista negativamente pela classe que domina a norma-culta, porém na época de Luís de Camões, autor d'*Os Lusíadas*, eram "corretas" e bem prestigiadas tais palavras.

Mas a questão da variação linguística não pode apenas ser vista sob esse ângulo, precisamos ir mais a fundo, pois se trata de uma questão socioeconômica

muito séria. Pois há uma lacuna social muito grande, principalmente no Brasil, quando falamos de variação linguística focada no social, mas isso é algo cultural que vem dos gregos antigos como explica-nos a professora Irene, de *A Língua de Eulália*

> Os gregos antigos, por exemplo, chamavam de bárbaros todos os povos que não falavam a língua grega.
>
> - Ou seja, o resto da humanidade... – diz Emília.
>
> ...
>
> - ... *bárbaro* também significava simplesmente "estrangeiro, que fala uma língua diferente"

O termo *bárbaro* não é, talvez, mais usado no nosso dia-a-dia, mas o preconceito que começou na Grécia continua por todo o mundo e ganhando muito espaço, infelizmente. No caso do Brasil, Marcos Bagno, diz que há um abismo linguístico entre os falantes do português e o pior é: isso é um problema gravíssimo, porém ninguém o reconhece como tal, porque quando não se reconhece a existência do problema, nada será feito para resolvê-lo ou pelo menos tentar resolvê-lo. Pois só em nosso país são faladas mais de duzentas línguas, entre elas podemos citar: diversas línguas africanas, línguas indígenas, línguas trazidas por imigrantes europeus e asiáticos. Portanto, é necessário um novo olhar para o assunto, porque desde o tempo em que éramos colônia a língua padrão esteve associada às classes de prestígio, então toda pessoa que deseja ter empregos bem remunerados deve dominar tal variação. Então, reflitamos sobre a afirmação de Stella Maris Bortoni-Ricardo, quando ela comenta sobre as sociedades tradicionais

> há uma gama de papéis sociais definidos e não permeáveis. A essa estratificação social rígida corresponde uma estratificação linguística igualmente rígida, que implica um repertório verbal amplo e diferenciado. As variedades que o compõem conservam-se discretas,

> e tanto a mobilidade nos estratos sociais como a acesso às variedades de prestígio são severamente restritos. (2005, p. 21)

Essa é a situação da nação brasileira, mais especificamente, as menos favorecidas, que não conseguem sair das suas classes sociais que sofrem com muitos problemas: como más condições de moradias, falta de saneamento básico, fome, miséria, acesso restrito à eventos culturais e ao conhecimento e não-participação ativa nas sociedade, sendo portanto, marginalizadas.

Para mudar tudo isso o caminho é simples, democratizar a distribuição justa dos bens culturais, “entre os quais a língua é o mais importante.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15), pois ela é uma das linguagens mais importante na comunicação humana.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DENOMINADA INTERNETÊS

2.1 – A modernidade e o uso dos novos meios tecnológicos para se comunicar

A tecnologia está presente em nossas vidas de forma intensa e evitá-las é impossível. Entre todos os inventos do Homem, não podemos negar, que o computador é algo extraordinário, principalmente se associarmos ele à Internet, responsável pelo fenômeno denominado globalização, que é a interligação de todos os países através de uma grande rede. Junto a todos esses avanços da humanidade caminha a pressão do século XXI, tempo de grande correria, congestionamento, muitos compromissos, reuniões, consumismo, capitalismo e imediatismo, tudo é para agora e rapidamente. Assim, cresce de forma assustadora o uso de redes sociais, na Internet, para estabelecer contatos pessoais, profissionais e sociais, além do uso de e-mails, torpedos, chats, tuítes, comentários e posts, segundo uma pesquisa da Pew Global, feita em 2011, “92% dos internautas usam o e-mail como principal ferramenta de comunicação” (Língua, ano 8, nº 87, 2013). E o Brasil não está fora dessa realidade, prova disso está numa notícia publicada recentemente pela revista *Língua*, que trás a seguinte informação

> Em dois anos, o crescimento da língua portuguesa no site chegou aos 900%, com 52,4 milhões de novos registros (58,5 milhões no total). Com isso, o português virou o 3º idioma mais falado na rede social, atrás só do inglês e do espanhol. Isso reforça a fama de "dominadores de redes sociais" dos brasileiros, responsáveis pela criação de 13 milhões de perfis nestes seis meses. (ano 8, nº 87, 2013)

O site em questão é o Facebook, onde além de postar informações pessoais, sociais, fotos, comentários, compartilhar ideias, curtir ideias, também o usuário pode conversar ou teclar, como é usado, com seus amigos, pessoas que fazem parte do seu convívio naquele espaço na Internet, com a devida permissão do proprietário do perfil. Mas vamos citar outra pesquisa: segundo a Semiocast, o Brasil foi o país que mais cresceu em números de usuários do Twitter, totalizando 41,2 milhões. Já no ranking de postagens de tweets, São Paulo ocupa o 4º lugar, ficando atrás de Tóquio e Londres.

Usando dessas inúmeras formas ágeis, interativas e fáceis de serem utilizadas, o Homem aliou uma nova linguagem a esses meios, que agora será debatido por nós.

2.2 O internetês como linguagem das redes sociais

Os falantes de uma língua são criativos, prova disso, é a linguagem utilizada na Internet, que não podemos negar, que há nela uma enorme criatividade, pois os usuários de redes sociais utilizam da linguagem mista para se comunicarem e das mais diferentes formas, são: letras, fontes, cores, tamanho das letras, símbolos, rostos, animações, conjunto de símbolos, todos com o mesmo objetivo: fazer a comunicação de forma rápida e eficiente, pois os seres humanos optam por ações

mais simples, sem pensar muito nas consequências delas. Vamos exemplificar e estudar alguns casos.

2.2.1 A eliminação das marcas de plural redundantes

No português padrão utilizamos diversas marcas de plural em muitas palavras numa mesma frase, por exemplo: A**s** menina**s** não fora**m** ao cinema. Vejamos que marcamos o plural no artigo definido, **as**, no substantivo-sujeito, **meninas**, e no verbo, **foram**. Já no português não-padrão isso não ocorre, uma vez que essa redundância é vista como desnecessária, então essa frase nessa variante ficaria: As menina não foi no cinema, pluralizando assim apenas o artigo definido, acreditando ser o suficiente para demonstrar a pluralidade da frase. Isso também ocorre no inglês: “My beautiful yellow flowers died yesterday.” (“Minha**s** bela**s** flore**s** amarela**s** morrera**m** ontem.”) “(BAGNO, 2012, p. 53). Percebemos que o plural na frase em inglês só está marcada no substantivo, **flowers**, seus adjetivos não são pluralizados. Esse é uma fato presente no internetês, pois fazendo uso de uma única marca o processo de comunicação torna-se mais rápido e não prejudica o entendimento do receptor.

2.2.2 Aproximação da língua falada

A língua escrita é *“uma representação única para interpretações variadas”* (BAGNO, 2012, p. 105), portanto há necessidade de representações múltiplas para segurar e chamar à atenção do receptor, e a fala nos possibilita isso, pois estamos percebendo a reação do receptor e já somos capazes de modificar o que queremos comunicar, através do feedback fornecido pelo destinatário, podendo corrigir, re-

explicar, reformular o que é dito. Mesmo que através dos bate-papos na Internet isso não ocorre com a mesma eficácia da fala, mas tais atos são possíveis de serem praticados pelos interlocutores, pois a comunicação oral, que é o espelho para a comunicação na Internet, é “construída conjuntamente pelos interagentes e tem grande dependência do contexto, considerando sempre como um conceito dinâmico.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 228). Fazendo com que a realimentação do diálogo seja o mais importante para a continuidade da comunicação, porém o problema é simultaneidade que pode comprometer o entendimento da conversa, obrigado os interlocutores desfazerem os maus entendidos. Já na escrita não há cooperação simultânea entre destinador e destinatário no ato de produção, portanto é impossível o emissor fazer uma avaliação da decodificação feita pelo destinatário.

Além de todos esses aspectos, o internetês busca na fala outro recurso: ele é menos explícito, fazendo com que o contexto da conversa seja extremamente importante, ele é criado a partir da influência mútua entre falante e ouvinte, ou seja, entre os interlocutores, além do diálogo seja mais fragmentado e o uso de construções sintáticas mais curtas, uma vez que é necessário saber a resposta do outro para continuar o diálogo. Outro ponto a ser apontado é que na escrita o tempo de produção é mais lento e pausado, como estamos no século da pressa, comunicar rapidamente é o lema de todos os seres humanos, então mais uma vez provamos que a fala é o modelo seguido pela variação aqui estudada.

2.2.3 A redução das palavras

Sob o olhar da linguística diacrônica, criada por Saussure, podemos perceber que reduzir as palavras é algo natural na história das línguas. Usando como exemplo a palavra você perceberemos o que aconteceu:

Vossa Mercê > vosmecê > vossuncê > suncê > você > ocê > vc > c

Outro exemplo pode ser dado:

tégula > teg'la > tegla > teyla > teyla > telha > têia

Parece-nos haver uma certa tendência em reduzir as palavras e com a era tecnológica, mediante a todos os pontos já colocados, seria muito ilógico se esse caso não se estende-se as redes sociais, pois elas pedem escritas sucintas e com abreviações, assim há economia de tempo na digitação das palavras, consegue-se prender a atenção do receptor, continua mantendo vínculo afetivo e agrada o destinatário. Vejamos algumas abreviações muito usadas: muito > mto, também > tb, beijos > bjos, teclar > tc, onde > ond, para > p, cadê > kd.

2.2.4 As reduções: do ditongo OU em O, do ditongo EI em E

Outro ponto a ser analisado é a redução dos ditongos em uma única letra, nos casos de OU e EI, em respectivamente O e E. Como por exemplos, louro > loro, pouco >poco, beijo > bejô, cheiro > chêro. Essas reduções só agilizam o processo quanto torna a leitura e a escrita mais rápidas.

2.2.5 Facilidade no processo de comunicação

Algumas tarefas comunicativas são mais fáceis de serem realizadas do que outras, e no internetês usar emotions é muito simples. É só escolher entre os vários existentes aquele que melhor exprime o que estamos sentindo ou querendo dizer, então clica-se nele e aperta a tecla enter. Pronto! Não precisamos dizer mais nada, muito menos escrever, porque por si só o emotion já diz tudo, dependendo da

situação. Imagina que estamos teclando com alguém que escreve alguma piada, que geralmente, provoca-nos risos, então para não usarmos a abreviação “kkkkk”, “rsss” ou “hahaha”, usamos este símbolo , com certeza nosso receptor irá decodificar a mensagem da forma como desejamos que o fizesse.

2.2.6 O estrangeirismo

Quando duas línguas entram em contato o elemento mais afetado é o léxico, prova disso é o nosso português ou internetês, que tem inúmeras palavras de origem inglesa. Isso se deu por causa da globalização, através da Internet, que tem como língua internacional a Língua Inglesa, prova disso é o alto número de e-mails que são escritos nela, 80%, e os milhares de usuários que se comunicam em inglês. No território brasileiro a situação é um pouco diferente, usamos palavras de origem inglesa constantemente na Internet, uma vez que nomes em tal idioma atraem mais as pessoas. São muitas as palavras: MSN (messeger), bye-bye, hello, follow, password, login, dowload, exit. Em controvérsia, devemos citar que Stella Maria Bortoni-Ricardo, no seu livro *Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*, diz que o repertório verbal do brasileiro é muito amplo e diferenciado, portanto talvez fosse interessante criarmos termos próprios para designar tais ações e lugares na Internet.

2.2.7 A informalidade e a criação de intimidade

No uso da língua tudo depende de quem diz o quê, a quem, como diz, quando, onde diz, por que e visando que efeitos. No uso do internetês, geralmente, o emissor procura tratar o receptor com intimidade para ganhar maior credibilidade e

reforçar sua persuasão com o grande objetivo de chegar aonde quer. Para isso ele não mede esforços, primeiramente predomina a intimidade de chamar as pessoas pela primeira sílaba do nome, o que é uma tradição italiana, e que é uma ferramenta muito usada hoje.

O ajustamento da linguagem, segundo Bortoni-Ricardo, 2005, ocorre por três fatores: os participantes da interação verbal, o tópico da conversa e o local onde ela acontece. Portanto, o grau de formalidade na fala depende unicamente do papel social que o falante tem a cada ato de interação verbal.

Valendo-se disso, a comunicação via Internet, a maioria das vezes, exige um ajustamento da linguagem, mesmo que os interlocutores não aceitam o internetês, mas para atingir o outro que faz uso do mesmo a utilização torna-se viável. Porque, como disse Allan Bell, o falante escolhe sua estilística pensando no seu(s) interlocutor(es). E comprovando nossa tese usaremos a frase de Le Page, 1980, onde ele diz “cada ato de fala é visto como um ato de identidade”, ou seja, é a identificação do destinador, pois cada um tem um estilo linguístico próprio que o difere de outros usuários e ao mesmo tempo o destinatário deve se identificar com tal estilo para que a comunicação possa acontecer e chegar ao ponto que nos interessa.

2.2.8 O eu e o outro na comunicação

Além dos aspectos levantados é necessário analisarmos outro, que talvez seja um dos mais problemáticos: a relação eu e o outro no ato de comunicação, pois em todas as situações há tendência em querer preservar nossa imagem perante o outro e a sociedade, para que isso ocorra o primeiro ponto usado por nós é o de equilíbrio entre os eixos da adequação e da aceitabilidade, e como na Internet a

aceitabilidade da linguagem verbal prestigiada não é na maioria das vezes bem aceita, mas até mesmo um sujeito que abomina tal forma de comunicação passa a fazer uso da mesma, adequadamente, para que sua mensagem seja aceita. Pois para impressionar alguém, prestamos mais atenção na nossa produção verbal ou não-verbal. E todos nós somos capazes de nos ajustar a cada ato de interação social, como explica Bortoni-Ricardo, “em toda interação verbal, cada participante é capaz de ajustar-se às expectativas de seu interlocutor ou a outras convenções determinadas pela cultura vigente.” (2005, p. 170). Tendo essa capacidade por que deixaríamos de praticá-la quando o assunto é interação verbal via Internet? Não teria muito sentido. Porém devemos tomar cuidado, pois muitas pessoas esquecem de que também existem situações formais nas redes sociais, como por exemplo, quando digitamos um e-mail corporativo/profissional, que “segundo Ruy Leal, superintendente do Instituto Via de Acesso, que prepara e insere o jovem no mercado de trabalho, 90% da comunicação feita e recebida pelas entidades privadas hoje é via e-mail.” (Língua, ano 8, nº87)

O maior problema desse tipo de e-mail é a falta de polidez, a falta de impessoalidade, falta de cordialidade, a grande intimidade e uso de sentenças breves, que “podem ser interpretadas como falta de interesse ou afeição” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 173). Embora, também não se deve ser extremamente formal ao ponto da mensagem soar como ríspida, mas como já dissemos tudo tem um ponto de equilíbrio. E sobretudo deve prevalecer a educação que é mais importante que a clareza, pois sendo educado fortalece-se as relações interpessoais, porque como disse Halliday (1978:2) , “aquilo que fazemos é reflexo do que somos.” Então a cautela na utilização da linguagem verbal, através da Internet, é essencial para todos os seus usuários.

2.3 Os pontos positivos e negativos do uso do Internetês

Não podemos negar que quanto mais afinidade ou conhecimento houver de subcódigos (variações linguísticas), entre remetente e destinatário, melhor se fará a comunicação, e esse é um dos pontos mais fortes do Internetês, pois esse subcódigo tornou-se muito conhecido pela comunidade que usa esse meio de comunicação. Porém, nesse processo se a linguagem comum é um ponto favorável, questionador é o canal, que é responsável pela transmissão de um ponto ao outro e usando da Internet, nada se pode garantir, porque um e-mail pode não chegar ou demorar muito e a resposta não ser mais necessária ou até mesmo uma frase digitada numa rede social, durante um bate papo talvez não obtenha feedback, talvez porque o destinatário não esteja mais olhando e usando apenas aquele site.

Outros pontos positivos do Internetês é a função de linguagem que o mesmo assume. Podendo o seu usuário usar a função emotiva/expressiva, onde o foco é a primeira pessoa, usando de modalizadores relacionados ao saber, como por exemplo, eu acho, eu considero, usando de pausas, prolongamento de vogais, acentos enfáticos, hesitações, interjeições, exclamações. Embora sempre “parece haver no nosso inconsciente, o desejo de deixar bem claro o limite que separa o que diz respeito a *mim* e o que diz respeito *ao resto da humanidade*.” (BAGNO, 2012, p. 67). Isso é um certo egoísmo que também impera nas redes sociais, através da redução dos verbos, onde usamos apenas duas variações, uma exclusiva para o pronome-sujeito, eu, e a outra para os outros pronomes, exemplo: eu teclo, você tecla, ele tecla, nós tecla, vocês tecla, eles tecla.

A função fática também é utilizada nesse meio, só para manter contato psicológico, com tal objetividade usamos fórmulas prontas e testamos se há ou não contato, com expressões como, “oi, tudo bem?”, ou “vc está aí?”, hummm, demostrando efeitos de aproximação e interesse, com o objetivo de manter a

interação usamos até mesmo apenas sinais gráficos como o ponto de interrogação ou emotions,

Foco no destinatário é denominado de função conativa e ela também não pode faltar, porque sempre que vamos nos expressar selecionamos as regras do nosso repertório para se assemelhar ao grupo de referência, que para Berreman (1964: 232) “é quando as atitudes e o comportamento de uma pessoa são influenciados por um conjunto de normas que ela pressupõe que são observadas por outros, esses outros constituem para ela um grupo de referência.”

Mas a linguagem verbal da Internet não foca apenas o eu, o outro e o contato, mas também a própria mensagem, porque vale lembrar que o conteúdo de uma mensagem humana é ilimitado, portanto usamos da sonoridade, do ritmo, da entonação para nos comunicarmos, e até mesmo do tamanho das fontes, os estilos de letras e as cores, por exemplo, quando usamos caixa alta queremos chamar atenção especial para aquela mensagem ou estamos ordenando ou pedindo. Quando queremos enfatizar alguma palavra repetimos sua última sílaba ou palavra, como no caso bjossssssssss, expressando que são diversos beijos.

Agora devemos levantar a discussão sobre o porquê tal linguagem se fundiu tão rapidamente e toma conta de vários atos de comunicação até mesmo fora do canal em questão. Para nossos estudos vamos primeiramente observar esta afirmação

> Embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para a sua variação individual. Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam. (BELINE, 2011, p. 128)

Então usar o Internetês em redes sociais para fins não-profissionais e informais é estabelecer uma igualdade com o receptor, garantir pessoas para estabelecer contatos sociais e constituir uma comunidade de fala, pois para Guy (2001) uma comunidade de fala é formada por falantes que: compartilham de traços linguísticos que diferenciam seu grupo de outros, comunicam-se mais entre si do que com outros, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem, portanto podemos afirmar que o objeto de nosso estudo constitui junto a seus usuários uma comunidade de fala, uma vez que a linguagem enxuta, objetiva, mista, com funções emotiva, fática e poética é dominada por todos que a usam, outra prova é que se comunicar pela Internet está tornando-se algo mais comum e corriqueiro do que comunicar-se pessoalmente, além das normas e atitudes de uso da linguagem que são respeitas por todos. Porém, adotar essa linguagem é uma questão individual optativa, pois somos nós que escolhemos o como falar.

Mas existem muitas preocupações quanto ao uso do Internetês, uma das primeiras é apresentada abaixo

> Se a tendência dos falantes a exercer o mínimo esforço possível agisse livremente ficaríamos apenas com estruturas extremamente simples e insuficientes para a comunicação em sociedade. Limitando a ilustração a um exemplo fonológico, ficaríamos só com palavras com uma sílaba (por serem mais simples) e somente com o tipo mais comum de sílaba, tido como o ideal em termos de facilidade de articulação e percepção, a sílaba cv (consoante mais vogal). Uma língua que tivesse vinte consoantes e cinco vogais, algo próximo do Português, teria a sua disposição apenas cem palavras diferentes. Evidentemente essa seria uma língua insuficiente quer em termos de possibilitar o pensamento humano, quer em termos de comunicação. (CHAGAS, 2011, p. 162)

Mediante a tudo que aqui discutimos não nos parece que a linguagem em questão caminha para o caos da comunicação, como descrito acima? Ainda o descrito não é uma realidade, mas poderá vir ser, é uma questão de tempo, então nesse ponto da “regressão” da nossa Língua Portuguesa os seus falantes deverão tomar outros caminhos para tentar salvar o ato de comunicação. O que apresentamos aqui não é uma punição ou uma condenação ao uso da linguagem da Internet, mas uma reavaliação do seu uso: onde usá-la, com quem e como fazer uso da mesma. Porque toda linguagem tem o lugar certo, o contexto certo, as pessoas certas para serem usadas. Sabemos que o Internetês faz valer um dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos Individuais, proposto por Francisco Gomes de Matos, que garante o “livre exercício do direito expressivo-comunicativo, bem como dos privilégios e responsabilidades nas experiências de uso da língua durante toda a vida do indivíduo”, concluímos que a linguagem dos internautas faz acontecer a democratização da língua, mas o que falta aos internautas é estarem atentos para saber que tipo de linguagem cada situação e contexto pedem, porque a tendência é sempre falarmos como as pessoas que mais convivemos e determinadas situações não aceitam a norma não-prestigiada da linguagem.

Buscando outra visão sobre o assunto é importante aqui acrescentar que o uso do Internetês não faz com que nenhum usuário dele tenha menos capacidade para se comunicar, uma vez que “qualquer falante do português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento”, como disse Perine, no livro *Sofrendo a gramática*, página 13. Ao contrário do que pensam alguns pesquisadores tal linguagem não deixa de ser muito rica, linguisticamente falando, e aqui citaremos dois fatos.

O primeiro diz respeito a interação mais contextualmente dependente, que a linguagem dos internautas propicia, é sinal de que os interagentes partilham duma

grande carga de pressuposições pragmáticas sobre o mundo, fazendo uma comunicação mais eficiente.

Também citamos uma pesquisa feita pela British Academy e pela Universidade de Conventry, na Inglaterra, que mostrou que crianças e jovens que usam regularmente à linguagem abreviada possuem maior capacidade de soletrar e obtiveram melhores resultados em testes de fluência verbal, tudo se deve a leitura de abreviaturas típicas da linguagem cifrada (por exemplo, “kbça” em vez de cabeça) das redes sociais que requer alta consciência de combinação de sons.

Podemos concluir que quanto ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas não se deve abolir o Internetês, mas deixar claro aos educandos a questão dos contextos e as linguagens exigidas, além disso estimular a escrita e fala de textos mais complexos e exigentes, para que eles consigam abrir um leque de possibilidades de trocas de informações, conhecimentos e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o Brasil é um país onde redes sociais são muito bem aceitas e bastante usadas, portanto se atentar para um olhar mais crítico para o Internetês é fundamental, pois o uso de tal variante é muito rica, linguisticamente falando, uma vez que ela retoma através do estudo diacrônico aspectos linguísticos já ocorridos no passado, além de possuir funções de linguagens importantes para a semiologia e questões de comunicação que são determinantes durante o processo de interação.

Ressaltamos aqui que toda inovação linguística, que é o caso do nosso objeto de estudo, segue um padrão chamado curva do S, ou seja, no início é lenta, depois na metade ganha velocidade e no final volta a ficar lenta. A linguagem da Internet já chegou na metade, está em alta velocidade e fazendo parte cada vez mais da realidade linguística de mais pessoas. Por isso, não podemos nos esquecer que criticar/discriminar tal variante é um grande equívoco, porque o que hoje é desprestigiado, amanhã, se as camadas que dominam nossa sociedade começarem a utilizá-la ela tornar-se-á uma variante de prestígio. E não adianta nenhuma força para tentar acabar com o Internetês porque como linguagem não-padrão ele é natural, transmitido, apreendido, inovador, com tendências livres, não exige decorar regras e é transmitido de geração por

geração, portanto concluímos que ele continuará sendo a linguagem de uso comum na Internet, mas quanto as consequências de tal uso só o tempo poderá disser o que acontecerá ou pesquisas mais avançadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**. 17. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

BARROS, Diana Pessoa de. “A comunicação humana”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 25-53.

BELINE, Ronald. “Variação linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 121-140.

BELL, A. (1984). Language Style as Audience Design. **Language in Society**, vol. 13, p. 145-204.

BERREMAN, G. D. (1964) Aleut Reference Group Alienation, Mobility and Acculturation. **American Anthropologist**, vol. 66, nº 2, p. 231-250.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2011.

CHAGAS, Paulo. “A mudança linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 141-163.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história:** o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1979.

FIORIN, José Luiz. “Teoria dos signos”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 55-74.

GUERREIRO, Carmen. Os dez mandamentos do e-mail. **Língua**. São Paulo, n. 87, p. 28-33, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. (1978). Categories of the Theory of Grammar. **Word**. Vol. 17, nº 3.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell, 1994.
LE PAGE, R. B. (1980). Projection, Focusing and Diffusion. **York Papers in Linguistics**, vol. 9, p. 9-31.

NATALI, Adriana. A comunicação curta é a + forte. **Língua**. São Paulo, n. 86, p. 38-43, 2012.

NEGÃO, Esmeralda; SCHER, Ana; VIOTTI, Evani. “A competência linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 95-119.

PERINI, Mário A. (1996), **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática.

PETTER, Margarida. “Linguagem, língua e linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 11-24.

PIETROFORTE, Antonio Vicente . “A Língua como objeto da Linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística – I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 75-94.

REVISTA LÍNGUA. Brasil domina Facebook: português já é 3º idioma mais falado na rede social. São Paulo, n. 87, p. 8, 2013.